

# DA CIDADE TRANSFIGURADA À CIDADE TRANSFORMADA: CULTURAS JUVENIS E A PRÁTICA DO SKATE (1970/1980)<sup>1</sup>

## TRANSFIGURED CITY TO TRANSFORMED CITY: YOUTH CULTURES AND SKATEBOARD PRACTICE (1970/1980)

Leonardo BRANDÃO\*

**Resumo:** Com aproximadamente 4 milhões de praticantes no país, o skate vem se revelando uma das atividades corporais de maior visibilidade entre os jovens. No entanto, sua prática apresenta peculiaridades que merecem ser observadas. Sua relação com os usos da cidade talvez seja a principal delas. Neste artigo, discutiremos sobre a constituição histórica do skate de rua a partir do estudo com revistas especializadas nesta atividade que foram publicadas durante as décadas de 1970 e 1980. Concluímos que a cidade, representada pelos skatistas como um paraíso de infindáveis possibilidades de diversão, acabou sendo transformada não somente pelo olhar transfigurativo do skatista, que lhe emprestou novos sentidos e funções, mas ela mesma acabou se modificando para disciplinar os filhos “rebeldes” que seu processo de urbanização ajudou a criar.

**Palavras-chave:** História – Cidade – Skate.

**Abstract:** With approximately 4 million practitioners in the country, skateboarding has been revealing one of the most visible body activities among youth. However, its practice has peculiarities which deserve to be observed. Its relationship with the uses of the city is perhaps the main one of them. In this article, we discuss the historical constitution of the street skateboard from the study of magazines specialized in this activity published during the 1970s and 1980s. We conclude that the city, represented by skateboarders as a paradise of endless possibilities for fun, ended up being transformed not only by the skater's transfigurative look, which lent it new meanings and functions, but it ended up itself changing to discipline their "rebellious" children which its urbanization process helped create.

**Keywords:** History – City – Skateboard.

### *Introdução*

A partir da segunda metade da década de 1970 começou a existir um processo de esportivização ligado ao skate no Brasil. A existência de tal processo pode ser notada pelo surgimento de campeonatos - circuitos estaduais e nacionais - e a constituição de associações entre skatistas e empresários. Objeto de filmes, programas de televisão, revistas especializadas, livros, *sites* na Internet e tema em diversos produtos destinado ao público jovem, como roupas, capas de caderno e campanhas publicitárias, o skate

---

\* Doutor em História - Programa de Pós-Graduação em História - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Professor no Departamento de História e Geografia – Universidade Regional de Blumenau – FURB, CEP: 89012-900, Blumenau, Santa Catarina – Brasil. E-mail: [brandaoleonardo@uol.com.br](mailto:brandaoleonardo@uol.com.br)

vem se consolidando no Brasil como uma prática corporal jovem e, também, como um *esporte radical*.

Embora essa popularização aponte um futuro promissor para o skate, seu passado no Brasil também revela a existências de outras histórias que, além de se “atualizarem” (vide as recentes confusões entre um grupo de skatistas e determinados guardas civis metropolitanos na Praça Roosevelt, no dia 04 de janeiro de 2013, na cidade de São Paulo<sup>2</sup>), ajudam a fomentar um imaginário que o associa à marginalidade.

A existência dessa ambivalência nas representações sobre o skate, a qual transita tanto pelo reconhecimento esportivo quanto pelo campo da marginalização, tem seu fundamento na história da constituição dessa prática no país, em especial, no desenvolvimento de uma modalidade denominada skate de rua (*streetskate*), a qual será abordada neste artigo.

### *O Início da Prática do Skate*

Nos Estados Unidos da América, skate é chamado de *skateboard*, expressão que se traduzida para o português possivelmente possa significar algo como “madeira com rodas”. De início, a prática do skate se desenvolveu neste país, principalmente no Estado da Califórnia, e depois despontou em outras partes do mundo, em especial, no Brasil.

Segundo Michael Brooke (1999), os primórdios do skate estão associados às *scooters*, caixas de laranja fixadas a uma madeira com rodas e que serviam como meio de locomoção entre os jovens estadunidenses no início do século passado. Um outro pesquisador norte-americano, Rhyn Noll (2000), afirmou em seu livro “*Skateboard retrospective*” que o primeiro skate foi patenteado em 1936, contando com um *shape* (prancha de madeira), quatro rodas e dois eixos. A descoberta de Rhyn Noll fornece um tempo de existência ao skate que já ultrapassa de meio século, o que não significa, bem entendido, que ele era uma prática constante entre os jovens do período, pois existe um hiato significativo entre este período do skate e seu desenvolvimento esportivo, que passa a acontecer com maior intensidade durante a os anos de 1970.

A partir desse período a tecnologia passa a ser uma aliada muito mais significativa na evolução maquínica do skate. Alexandre Vianna, jornalista responsável por uma revista de skate brasileira, a *100% Skate*, argumenta que a tecnologia “foi necessária para impulsionar as manobras na história do skate”<sup>3</sup>. Assim, a grande

transformação nesta prática ocorreu por volta de 1972, com a adaptação e introdução do poliuretano na construção das rodas de skate, as quais antes eram produzidas somente com borracha, ferro ou argila. Essa nova tecnologia acarretou uma reviravolta na história dessa atividade, pois com o poliuretano os skates passaram a ser mais velozes e aderentes ao asfalto, conquistando rapidamente um maior número de adeptos. O resultado foi a criação de campeonatos, marcas, fábricas e lojas especializadas.

Prova dessa popularização é a publicação, ainda na década de 1970 - mas em anos posteriores a 1972 - de dois livros sobre skate que ambicionavam ensinar principiantes a se movimentarem nesta atividade. Livros com essa temática só teriam justificativa para existir se houvesse, realmente, uma perspectiva de grande demanda, ou seja, não seriam publicados livros ensinando a praticar skate se não houvesse uma boa quantidade de pessoas querendo aprender. Assim, em 1975, Russ Howell lança “Skateboard: techniques, safety, maintenance”, e em 1976, Ben Davidson publica “The skateboard book”, ambos livros que objetivam levar aos novos adeptos ensinamentos como, por exemplo, um melhor posicionamento corporal em cima do skate, formas de não sofrer lesões em quedas e dicas sobre manobras básicas.

O skate foi uma imensa novidade para muitos jovens norte-americanos e brasileiros durante a década de 1970. No caso brasileiro,

A década de 70 foi marcada pelos primeiros passos, descobertas e aprimoramentos de manobras no skate. Por isso, pode-se dizer que os primeiros skatistas foram os verdadeiros “desbravadores”, como se fossem um Cristóvão Colombo ou Pedro Álvares Cabral do esporte. Tarefa nada fácil, afinal, as referências para evoluir eram mínimas, os materiais limitados e as técnicas teriam que ser exploradas simplesmente por instinto. Era certamente um esporte novo no país e no mundo (Revista *Tribo Skate*, n. 50, 1999, p. 42).

De acordo com a primeira parte do livro “A Onda Dura: 3 Décadas de Skate no Brasil”, escrita por César Augusto Diniz Chaves Filho (2000) ou simplesmente Cesinha Chaves, como é mais conhecido, o skate chegou ao Brasil através de alguns surfistas cariocas ainda no final da década de 1960, que o descobriram em anúncios veiculados por uma revista norte-americana chamada *Surfer*. Ainda nesta década, como informou Chaves, o skate era mais conhecido como “surfinho”, pois havia uma grande associação entre essa prática e a do surfe. Em uma entrevista à revista *Tribo Skate*, o próprio Chaves, que começou a praticar skate no ano de 1968 no Rio de Janeiro, comenta que as únicas referências que os cariocas tinham eram as revistas norte-americanas de surfe,

como a *Surfer* e a *Surfing*, nas quais o skate aparecia muito timidamente, geralmente em anúncios de uma loja chamada *Val Surf*.

No início, como não havia skates – ou surfinhos – para vender no Brasil, os jovens o improvisavam arrancando os eixos e rodas dos patins e os fixando numa madeira qualquer, cortando-a no formato que viam nas páginas das citadas revistas norte-americanas. Por volta de 1974, quando os primeiros skates passaram a ser vendidos no Brasil, eles eram encontrados somente em *surf shops*, ou seja, em lojas de surfe.

Em 1977, surgiu no Rio de Janeiro a *Esquete*, primeira revista de skate com distribuição nacional. Anunciada com periodicidade mensal e com tiragem de trinta mil exemplares, essa revista, que contava com trinta e cinco páginas em preto e branco, recheada com fotos, publicidades e matérias sobre skate, não conseguiu se estruturar no mercado editorial brasileiro, o que revela a fragilidade mercadológica do skate na época. No entanto, uma análise de sua primeira edição, que teve na figura de Waldemiro Barbosa da Silva seu principal diretor, pode revelar aspectos importantes para a compreensão do skate no período.

Embora com o nome de *Esquete*, numa tentativa de criar um neologismo em português para o termo norte-americano *skateboard*, essa publicação revela o quanto o desenvolvimento desta prática no Brasil baseou-se no que foi feito nos Estados Unidos. Uma das principais matérias da publicação chamava-se “124 manobras do skate”, uma tentativa de catalogar as manobras existentes até o momento. O skate em si já era uma novidade para a época, explicar as manobras existentes para quem quisesse iniciar-se nesta atividade era uma questão de divulgar a atividade, procurando na didática dos movimentos uma forma de conquistar novos praticantes. Segundo a revista, até o ano de 1977 haviam sido inventadas 130 manobras, sendo que ela iria ensinar a quase totalidade dos truques existentes, ou seja, 124.

Mas esses truques, conforme pode ser visto nesta publicação, tinham todos seus nomes em inglês: *Kick-turn*, *Nose-wheelie*, *Kneelie* etc. Nomes que ofereciam ao vocabulário vernáculo o uso do inglês como um código a ser apreendido e dominado entre os skatistas brasileiros. Até hoje, como pode ser observado nas atuais revistas específicas dessa atividade existentes no mercado, como a *Tribo* ou a *100%*, as manobras de skate, que há muito já passaram das 130 existentes no ano de 1977, continuam tendo seus nomes em inglês. O uso dessa língua, não somente para nomes de manobras, mas para batizar marcas de skate, jargões e gírias, estruturou-se como um

código de comunicação entre os skatistas, o que revela a influência norte-americana na formação e direcionamento dessas novas atividades no Brasil.

Além do uso do inglês como referência aos movimentos e tendências do skate, outro aspecto que desponta nesta revista é a divulgação, por várias páginas, de espaços na cidade do Rio de Janeiro propícios à prática do skate. Não se trata somente de pistas, mas sim de lugares da cidade como ruas, monumentos e estacionamentos que podiam ser apropriados, pelos skatistas, como espaços. Conforme Michel de Certeau (1994), o espaço é o lugar praticado, de modo que a rua geometricamente definida pelo urbanista é transformada em espaço por quem a usa e como a usa. Deste modo, ao sugerir lugares para a prática do skate, a *Esquete* visava à construção de espaços ambientados pelo uso skatístico das manobras, evoluções e deslizamentos.

A revista chegava a descrever variados pontos da cidade que julgava ideal para que os skatistas desenvolvessem suas habilidades, como a Rua Cedro, localizada no final da Rua Marquês de São Vicente, na Gávea, que apresentava “uma inclinada ladeira que se tornou a meta daqueles que buscavam no skate a emoção da velocidade”, ou a Rua Miguel Pereira, localizada no sentido de quem vai de Humaitá para o Jardim Botânico, “com uma inclinação bastante suave, uma extensão enorme e uma largura de oito metros”. A publicação também citava nomes de mercados, como o Cobal, em Humaitá, que possuía duas excelentes áreas de estacionamento, sendo um dos pontos preferidos dos skatistas da zona sul carioca porque apresentava um piso de cimento bastante liso e sem rasuras. Em suas páginas, retratava um monumento descoberto para uso do skate em 1974 por Flávio Badenes. Conhecido também como pirâmide, esse monumento encontra-se em frente da Avenida Rui Barbosa na curva entre Botafogo e Flamengo. Segundo informava a publicação, “o monumento é formado por duas partes, a alta e a baixa. Na parte de cima é ótima para o Estilo Livre e na parte baixa é onde se praticam os novos truques”.

#### *A Prática do Skate na Segunda Metade da Década de 1980*

De fato, o uso do skate despertava em seus praticantes uma nova e inusitada relação com a cidade, e as revistas de skate, como a *Esquete* e diversas outras que surgiram depois, como a *Brasil Skate* em 1978, ou a *Overall*, a *Skatin*, *Vital Skate* e a *Yeah!* – essas na década de 1980 – incentivavam a prática do skate nos espaços urbanos. Deste modo, esses jovens que faziam uso do skate, mais do que simplesmente transitar

pela cidade, passavam a tomá-la como um local de interpretação, lendo-a das mais diversas formas. A idéia, aqui em questão, é a da cidade-texto, metáfora explorada por Deusdeth Junior (2000) num artigo chamado “A cidade é um texto: apontamentos para ler a cidade”. De acordo com este historiador, a cidade também pode ser compreendida, questionada e interpretada como um texto. Como não se lê um texto de um só modo, a cidade também está sujeita a múltiplas idiossincrasias. Desta forma, a cidade pode apresentar variados discursos e se tornar um local propício à sinergia de criações. Para além de suas casas e funções objetivas, a cidade pode revelar elementos de subjetivação em suas enunciações arquitetônicas.

Deste modo, ao imaginar ou ao ler o espaço de uma forma diferente do usual, os skatistas passaram a projetar sobre seus elementos constitutivos outras funcionalidades que ultrapassavam seus sentidos primeiros, construídos pelos engenheiros, arquitetos e demais pensadores da cidade. Tal prática redefinia ou redesenhava os sentidos originais projetados a esses espaços.

Na segunda metade dos anos 1980, a revista *Yeah!* (junto a *Overall* e outras publicações do mesmo período), trabalhou no sentido de registrar, com textos e imagens, o skate vivido no momento; mas, por outro lado, ela também ajudou a fomentar esta prática, criando conceitos, projetando nomes e tendências. A *Yeah!* é uma das principais fontes sobre skate no período, sendo a análise de seu conteúdo de extrema importância para uma melhor compreensão do aparecimento do skate de rua (*streetskate*), sua relação com a cidade e com os fenômenos sociais a ele articulado, como é o caso do punk.

Surgida em março de 1986, essa revista logo se tornou uma referência para os skatistas da época, que passaram a colaborar através de cartas, depoimentos e na oferta de informações sobre o que acontecia com o skate nos mais diferentes pontos do país. Colorida, com a capa em papel couchê e apresentando seu conteúdo em papéis semelhantes aos utilizados na confecção de jornais, essa revista tinha sua sede editorial na Vila Mariana em São Paulo, sendo distribuída nacionalmente e de forma bimestral pela DINAP (Distribuidora Nacional e Publicações).

Sob direção Paulo de Oliveira Brito, a *Yeah!* contou com um número considerável de fotógrafos e articulistas, cobrindo diversos aspectos do que acontecia com o skate no período. Através dela é possível compreender a emergência do *streetskate*, sua relação com o punk e com as cidades. Logo em sua primeira edição, encontra-se uma tentativa de se definir o grupo dos skatistas, sendo possível identificar

vários elementos discursivos que remetem a elementos do punk, principalmente na referência à anarquia e ao lugar alternativo que procuravam, na época, ocupar na sociedade.

Eles (os skatistas) não se preocupam com a etiqueta social, nem com o sistema que tentam lhes impor. Criam uma anarquia urbana e circulam contra qualquer tipo de autoritarismo. São os filhos do futuro! Não se importam com comentários ou críticas, pois banalidades já estão cansados de ouvir. Eles pensam diferente do *Status Quo* e se comportam como tal (Revista *Yeah!*, n. 1, 1986, p. 23).

Essa opinião não assinada, portanto, pertencente à revista, procura retratar o comportamento dos skatistas de então; influenciando outros, todavia, a seguirem tal proposta de atitude: o “anarquismo” urbano e a indiferença às tradições sociais. Outro aspecto importante a ser notado era que a *Yeah!* mantinha, entre suas matérias constantes, a prática de entrevistas com músicos punk’s. Em sua segunda edição, a banda Garotos Podres foi entrevistada e também a letra da música “quero ser punk”, dos Replicantes, reproduzida em suas páginas. Numa coluna intitulada “Fale com o Dr.”, a revista chegou a divulgar o nome de 100 bandas punk’s norte-americanas, como *Bad Religion*, *Black Flag*, *Abandoned*, entre outras.

Nesse mesmo espaço da revista é possível ler depoimentos de skatistas dizendo: “Eu quero que se dane o mundo, eu quero mais é andar de skate”. Todo esse espírito de contestação, irreverência e rebeldia (contra tudo e todos!) que vinha com a cultura punk importada de países da Europa, principalmente da Inglaterra - mas também dos Estados Unidos - dava o tom e o ritmo da prática do skate na década de 1980. Possivelmente, o entrelace com o punk deu forças e coragem para que os skatistas deixassem de se aventurar somente por locais como ruas, ladeiras ou praças e passassem, numa apropriação que carrega um bom tom de transgressão, a utilizar outros aparelhos urbanos, tais como corrimãos, escadas e bancos.

O que se procura apontar, portanto, é que existiu uma semelhança entre a atitude do skatista em deambular por locais não projetados para sua prática com a atitude do movimento punk em negar qualquer tipo de imposição social. Em suas novas representações sobre os espaços urbanos, os skatistas carregavam também um pouco do espírito utópico desse movimento.

De acordo com um leitor da *Yeah!*, Sérgio Borin Del Vale, de Atibaia/SP, a analogia entre o skate e o punk esteve no modo como os skatistas representaram e se apropriaram da cidade.

O skate apareceu como um desafio à paisagem urbana e hoje [maio de 1986] se estendeu por todos os cantos do país. Acho o skate o esporte mais punk, pois andar de skate é uma anarquia saudável. Você se sente dono da cidade. Cria em cima daquilo que já foi criado. Enfim, inverte tudo o que está parado (Revista *Yeah!*, n. 2, 1986, p.10).

A cultura punk não começou no Brasil, mas acabou sendo incorporada por diversos jovens que encontraram nela uma forma alternativa de se posicionarem frente à vida. O fato, entretanto, foi que o punk se colocou como mais um elemento identitário da cultura do skate, sendo absorvido por diversos praticantes dessa modalidade durante os anos de 1980.

A revista *Yeah!* fazia questão de evidenciar esses novos usos da cidade que os skatistas passaram a promover com muito mais intensidade nos anos 80 do que na década anterior. Em sua segunda edição, uma de suas matérias principais, intitulada “Pontos Indeterminados”, apresentava dez fotografias que registravam skatistas em ação nos lugares mais inusitados da cidade: paredes, bordas de muro, bancos e transições. Pontuando a matéria, frases como “Skate em qualquer lugar, a qualquer hora”, “Ir à procura de locais skatáveis é uma missão arriscada. Encontrar pontos indeterminados é descobrir uma nova aventura a cada local encontrado” e, por fim, “aproveitar o espaço é antes de tudo uma questão de criatividade”, procuravam expressar tanto o desafio quanto a ludicidade que acompanhavam os skatistas em suas incursões pelos espaços urbanos. Mais uma vez, é necessário chamar a atenção para o que se está aqui apontando: que a atmosfera do espírito punk, expressa pelas atitudes de independência, transgressão e rebeldia, fez parte, de modo talvez inconsciente, das formas de apropriação do espaço urbano que se evidenciaram na segunda metade da década de 1980 com o desenvolvimento do *streetskate*.

O cotidiano da prática do skate era embalado por músicas de *punk-rock*, as revistas existentes no mercado traziam entrevistas, letras de música e comentários sobre discos desse gênero musical; e as roupas, muitas delas, carregavam símbolos que remetiam a uma estética punk. Desta forma, skatistas que gostavam de ouvir bandas desse gênero musical podiam encontrar um elo entre esta música e as novas manobras de skate que passaram a se desenvolver e “invadir” cada vez mais o espaço urbano.

O tom frenético e a atmosfera de caos que muitas das bandas de *punk-rock* assumiam nos *riffs* de guitarra, nos ritmos da bateria ou na velocidade do contrabaixo provocavam uma sensação de agito e movimento corporal que incitava à prática do skate. Como afirmou Janice Caiafa, antropóloga que na década de 1980 realizou uma série de trabalhos de campo com skatistas, “é muito som, sem parar, as pessoas em volta ouvindo e vendo as manobras [...] e já nem é mais rock, é *punk-rock* [...], cada vez mais veloz no som e na intensidade” (CAIAFA, 1985, p. 75).

Não que todos os skatistas fossem *punk's*, não se trata disso, mas sim que, de modo consciente ou não, houve uma influência da atitude transgressora do *punk* na forma como os skatistas passaram a se apropriar da cidade. O texto abaixo, retirado da segunda edição da revista *Overall* ajuda demonstrar essa relação.

#### Não Acorde a Cidade – *Streetskate*

Eu quero mais é asfalto e concreto, para pegar meu skate e sair por aí, gastando minhas rodas, descendo e subindo ladeiras puxado por ônibus, *dropar* muros, horrorizar o trânsito, achar transições para uma boa diversão, entrar na contra-mão, subir guias, etc. Por quê? Porque nós amamos isto, vivemos disto!!! Imagine a infinidade de coisas que uma cidade pode ter em suas ruas: postes, carros, guias, *shits*, bêbados, *bicths*, transições, buracos, valas, velhas e muito asfalto. E o que isso significa? Obstáculos? Talvez sim para aqueles que não possuem a ousadia de encarar ruas desconhecidas e terrenos inexplorados. Mas, para outros, todos esses “obstáculos” se transformam num verdadeiro campo de batalha, em que o objetivo é demonstrar o domínio sobre a arma de ataque: o skate. E o *ground* de ação – as ruas! (Revista *Overall*, n. 2, 1985, p. 16).

A *Overall* começou a ser publicada em 1985 sob direção de Paulo Anis Lima. Colorida, toda em papel couchê, também com distribuição nacional pela DINAP e sediada em São Paulo, ela trazia como destaque em sua segunda edição o *streetskate*. Com o irônico título de “Não acorde a cidade”, a matéria procurava expressar o modo como os skatistas enxergavam e se relacionavam com os espaços urbanos. Frases como “horrorizar o trânsito”, ou ainda, ter a “ousadia de encarar ruas desconhecidas e terrenos inexplorados”, indicam algo de transgressor, rebelde, atitudes idênticas às encontradas na cultura *punk*.

Importante dizer que esta revista, assim como a *Yeah!*, também trazia seções com comentários sobre a discografia desse gênero musical. “Punk’s not dead” era o nome da seção que, nesta edição, comentava os discos de músicos *punk's*. Os LP’s

tinham títulos sugestivos: “Grito do suburbano”, “O começo do fim do mundo”, “Crucificados pelo sistema”, “Tente mudar o amanhã”, “Brigadas de ódio”, “Mais podres do que nunca” e “Ataque sonoro”. Desta forma, ao ler tais publicações, escutar as músicas, informar-se sobre as resenhas dos LP’s e ir aos shows de *punk-rock*, muitos skatistas ficavam cada vez mais familiarizados com as formas de pensar e agir que vinham dessa formação cultural. Tal influência, contudo, era praticada na rua. Enxergá-la como um “campo de batalha”, como expresso na citação anterior, indica bem a guerra da qual a rua era palco: guerra simbólica, busca por espaços e territorializações.

Um episódio significativo dessas aventuras do skate pelos espaços urbanos foi sua proibição no ano de 1988 pelo ex-presidente da República e então prefeito da cidade de São Paulo, Jânio Quadros. Esta medida, tida pelos skatistas “como a maior repressão e abuso de poder já vistas contra o skate” (BOLOTA, 2001, p. 38), foi noticiada pela revista *Overall*, de junho de 1988, pela manchete “skate não é crime”. Primeiramente, Jânio Quadros proibiu o skate no parque do Ibirapuera, um local onde há anos ele vinha sendo praticado. Não satisfeito, decidiu também proibi-lo por toda a cidade. As cartas dos leitores que chegavam às revistas de skate existentes no período atestam o desagrado provocado pela medida: “Venho criticar Jânio Quadros pelo que fez com os skatistas em São Paulo, proibindo o skate nas ruas [...] pois estou descontente com a repressão das autoridades para com os skatistas”<sup>4</sup>.

Apesar de Luiza Erundina, sucessora de Jânio Quadros na prefeitura de São Paulo, ter legalizado a prática do *streetskate* em São Paulo, ainda hoje ela encontra resistências para se expressar. Deste modo, a proibição do skate como prática urbana, tal como ocorrida em São Paulo, incita questões sobre o direito à cidade e os modos de apropriação desta pelos praticantes de *streetskate*. Em uma reportagem intitulada “Dèja Vu ou Jânio Quadros está de volta?”, a revista *Tribo Skate* relembra esse episódio da história do skate e comenta outro ocorrido em 1998 no município de Itu, interior de São Paulo.

Parece que o espírito do falecido Jânio Quadros foi ressuscitado em Itu, interior de São Paulo. Enquanto prefeito de SP em 1988 Jânio Quadros proibiu o skate na maior cidade do país, numa época que o esporte estava bombando forte também. [...] Dez anos depois, a mesma repressão vem acontecendo em Itu, 130 km da capital. Os vários skatistas da cidade vêm tomando multa andando de skate na rua e tendo seus skates apreendidos! Felizmente, os skatistas que realmente gostam de andar e não abrem mão das sessions na cidade,

correram atrás do prejuízo e estão conseguindo apoio para sua ação (Revista *Tribo Skate*, n. 36, 1998, p. 34)

Ao disputarem espaços da rua com transeuntes, automóveis e bicicletas; ao praticarem em praças, corrimãos, estacionamentos e, enfim, ao transformarem locais da cidade em espaços “radicais”, os skatistas, especialmente os adeptos do *streetskate*, passaram a ser alvos do poder público. De acordo com Ana Fani Alessandri Carlos, “a rua também é o lugar privilegiado da repressão imposta de forma clara ou sub-reptícia em função das estratégias do Estado” (CARLOS, 2004, p. 96). A proibição do skate em São Paulo no ano de 1988, a de Itu em 1998 ou outras que ocorreram em diversas cidades do país, são exemplos que demonstram os conflitos causados por essa prática urbana. Tais conflitos ocorreram (e ainda ocorrem), muitas vezes, por ser a cidade pensada, sistematicamente, como o espaço da ordem. Segundo a historiadora Sandra Jatthy Pesavento é possível observar que:

A cidade personifica a lei, a regra, o Estado, a vontade geral, a esfera do público, a submissão do indivíduo diante do poder que representa, simbolicamente, o interesse coletivo. A vida em comum impõe suas regras e a transgressão deve ser punida de forma exemplar para ter o efeito do acatamento à ordem (PESAVENTO, 2004, p. 167).

Praticar skate em vias públicas era e ainda é algo transgressor para a vida organizada da cidade. Não são poucos os depoimentos, as cartas, as informações disponíveis em revistas de skate que dão testemunho disso. A carta abaixo, escrita por Marco Aurélio Tavares, de Rondônia, e publicada na revista *Skatin* em fevereiro de 1990, ajuda a perceber a discriminação contra o praticante de skate de rua.

[...] Ao andarmos de *street* as pessoas nos discriminam, nos tratam como vadios e até já nos chamaram de trombadinhas. Já cansei de ver amigos meus apanhando da polícia nas portas das lojas. É sempre o mesmo sermão: “Isto é coisa para vagabundo que não tem o que fazer”, “Meu filho, Deus me livre que eu o veja nessa coisa...” Ao contrário do que eles pensam, skate é um esporte sadio e muitos amigos meus, que trabalham para sustentar a família, também praticam (Revista *Skatin*’, n. 10, 1990, p. 12).

Como se observa, a dificuldade em praticar o *streetskate* era real, pois essa atividade, de acordo com Marco Aurélio Tavares, passou a ser censurada por policiais e demais moradores da cidade. De acordo com a carta acima, conclui-se que a

discriminação da prática do skate era acompanhada pela desqualificação do skatista. Outro depoimento, publicado um ano antes, em 1989, também reclama da repressão contra o skate. O autor deste chama-se Fábio Marcelo Rodrigues e escrevia de Leme, cidade do interior paulista:

Há algum tempo a policia e o juizado de menores estão dando em cima dos skatistas, por isso muitos skatistas pararam de andar. Moçada, vamos arrepiar nas ruas, senão o skate em Leme vai acabar! Vamos fazer a adrenalina comer na veia como antigamente!<sup>5</sup>.

Para muitos skatistas, como se percebe, a vigilância e o controle, somados às “brincas” que eventualmente levavam dos policiais e guardas municipais, eram motivos suficientes para se desligarem da prática do skate. Mas onde há poder há resistência, e outros skatistas, ao invés de desistirem dessa prática, como é o caso de Fábio Marcelo Rodrigues, incitava seus companheiros a não pararem de praticar skate e, como ele mesmo diz, a “arrepiar nas ruas”.

### *Conclusão*

Se de um lado é possível enxergar práticas de apropriação dos espaços urbanos pelas manobras do skate, detectar influências da cultura *punk* e desejos por transgressão, por outro lado existe a cidade enquanto um organismo funcional, que detecta, seleciona e analisa seus componentes urbanos. Os skatistas, sujeitos indesejáveis quando o assunto era manter a ordem e a disciplina, foram muitas vezes classificados como arruaceiros, agitadores ou baderneiros. A prática desses sujeitos, ao criarem seus territórios, que transfiguravam o espaço urbano a partir da elaboração ou reelaboração dos valores adquiridos em suas experiências, constituiu-se como algo contrário ao pensamento ordenador da vida urbana. Embora as autoridades públicas, prefeitos, governadores, vereadores etc., tenham se articulado para fabricar lugares artificiais para a prática do skate, as famosas “pistas de skate”, construindo espaços que simulam os locais mais procurados pelos skatistas na cidade, os adeptos do *streetskate*, como notou o pesquisador Paulo Carrano, “desafiam as proibições e combinam a utilização das pistas com a manutenção da prática nas ruas das cidades, numa recusa em aceitar integralmente a realidade da cidade artificial das pistas” (CARRANO, 2002, p. 124).

A proibição do skate, como experimentada em São Paulo, tornou-se impraticável. A construção de pistas de *streetskate*, com obstáculos que imitam a cidade foi a principal solução encontrada pelas prefeituras para apaziguar a situação e ainda garantir os impostos cobrados sobre a crescente indústria do skate brasileiro. Embora haja no Brasil algumas pistas de skate que datem do período anterior ao desenvolvimento do *streetskate* (ocorrido por volta da metade da década de 1980), como a de Nova Iguaçu no Rio de Janeiro, a primeira do Brasil, de 1976, ou a pista do Clube 12 de Agosto, em Jurerê, Florianópolis, construída por volta do ano de 1977, elas são poucas e raras. Além disso, foram construídas para atender outras modalidades do skate, como aquele praticado em transições. As pistas de *street*, que apresentam obstáculos que simulam os relevos e aparelhos urbanos (escadas, bancos, corrimãos) encontrados nos logradouros públicos, somente vieram a ser construídas a partir da necessidade, percebida pelos órgãos públicos, de delimitar e disciplinar a prática do skate de rua.

A cidade, pensada pelos skatistas como um paraíso de infindáveis possibilidades de diversão, acabou sendo transformada não somente pelo olhar transfigurativo do skatista, que lhe emprestou novos sentidos e funções, mas ela mesma acabou se modificando para disciplinar os filhos “rebeldes” que seu processo de urbanização ajudou a criar.

## Referências Bibliográficas

- BEN, Davidson. *The skateboard book*. New York: Grosset & Dunlap, 1976.
- BOLOTA, Fábio. Anos 80. In BRITTO, E. (org.). *A Onda é Dura: 3 Décadas de Skate no Brasil*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- BRANDÃO, Leonardo. *A cidade e a tribo skatista: juventude, cotidiano e práticas corporais na História Cultural*. Dourados: Editora da UFGD, 2011.
- \_\_\_\_\_. Entre a marginalização e a esportivização: elementos para uma história da juventude skatista no Brasil. In *Recorde: Revista de História do Esporte*. Volume 1, número 2, dezembro de 2008, p. 1 - 24.
- BROOKE, Michel. *The concrete wave: the history of skateboarding*. EUA: Warwick House Publishing, 1999.
- CAIAFA, Janice. *Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: Contexto, 2004.

- CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2002.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- FILHO, C. A. D. C. Anos 70. In: BRITTO, Eduardo (org.). *A Onda Dura: 3 Décadas de Skate no Brasil*. São Paulo: Parada Inglesa, 2000.
- JUNIOR, Deusdedith. A cidade é um texto: apontamentos para ler a cidade. *Revista Universitas – Revista do Centro Universitário de Brasília (UNICEUB)*, n.1, vol. 1, 2001.
- NOLL, Rhyn. *Skateboard retrospective*. EUA: Schiffer Book, 2000.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. A vitória de Antígona sob o signo de Babel, a cidade brasileira dessacralizada. In: \_\_\_\_\_. (org.). *Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural*. Bauru/SP: EDUSC, 2004.
- RUSS, Howell. *Skateboard: techniques, safety, maintenance*. Sydney: Ure Smith, 1975.

#### Notas

---

<sup>1</sup> Este texto é uma versão modificada do artigo “Entre a marginalização e a esportivização: elementos para uma história da juventude skatista no Brasil”, publicado na *Recorde: Revista de História do Esporte*, volume 1, número 2, dezembro de 2008, p. 1 - 24.

<sup>2</sup> Há um vídeo que retrata o guarda-civil metropolitano Luciano Medeiros agredindo um grupo de jovens skatistas na Praça Roosevelt. A gravação teve mais de 3 milhões de visualizações na Internet. Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades.guarda-civil-filmado-agredindo-skatista-na-praca-roosevelt-e-suspenso,984626,0.htm>, acesso em 15/01/2013.

<sup>3</sup> *Revista 100% Skate*, n. 97, 2006, p. 114.

<sup>4</sup> *Revista Overall*, n. 10, 1988, p. 68.

<sup>5</sup> *Revista Skatin'*, n. 7, 1989, p. 14.

Artigo recebido em 25/10/2012. Aprovado em 17/11/2012.